

MEMES EM GRUPOS DE FACEBOOK: EFEITOS DE SENTIDO EM POSTAGENS NA INTERNET

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho¹

Ana Maria de Fátima Leme Tarini²

Resumo: A internet tem se constituído como um espaço “livre” em que os sujeitos se relacionam e fazem circular sentidos dos mais variados. Observa-se que informações e opiniões circulam em tempo real, e se está sempre em busca de curtidas e compartilhamentos. Com isso, os *memes* ganharam espaço, constituindo-se como objetos simbólicos, no intuito de promover humor, por meio de situações reais do cotidiano. Este artigo tem por objetivo discutir a respeito das mais diversas formas de preconceito, categorizando e discutindo suas mais variadas formas de materialidade discursiva, por meio dos *memes* e analisar postagens preconceituosas e seus efeitos de sentido. Para tal, utilizaremos da Análise do discurso (AD) de linha francesa como metodologia de análise, apoiados nos estudos de Pêcheux (2008, 2009 e 2010) e Orlandi (2007, 2009, 2010 e 2012). Nas análises, ficaram evidentes que alguns grupos do *Facebook* faziam postagens por meio de *memes* com cunho preconceituoso, muitos deles xenofóbicos, machistas e sexistas.

Palavras-chave: Redes Sociais. Análise do Discurso. Preconceito.

Abstract: The internet has been constituted as a “free” space in which subjects relate and circulate meanings of the most varied. It is observed that information and opinions circulate in real time, and it is always aiming likes and shares. Considering this, the *memes* gained space, constituting themselves as symbolic objects, in order to promote humor, through real everyday situations. This article aims to discuss the most diverse forms of prejudice, categorizing and discussing their various forms of discursive materiality, through memes and to analyze biased *posts* and their effects of meaning. For this, we will use the French Discourse Analysis as a methodology of analysis, supported by the studies of Pêcheux (2008, 2009 and 2010) and Orlandi (2007, 2009, 2010 and 2012). In the analysis, it was evident that some Facebook groups posted through biased memes, many of them xenophobic, chauvinist and sexist.

Keywords: Social Media. Discourse Analysis. Prejudice.

Efeito de início

A internet tem sido um espaço democrático de discussão das mais diversas questões: esportes, política, religião/religiosidade, etc. Com isso, começou-se a perceber uma mudança de hábito ao redor do mundo; as relações sociais passaram a ser vividas por um outro viés, não mais o cultural, somente, mas de uma forma que Pierre Levy

¹ Doutorando no programa de pós-graduação em Letras - Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista da Fapema. E-mail: nicomedes@gmail.com

² Professora do Instituto Federal do Paraná. E-mail: anamarialeme@hotmail.com

(2010) denominou de cibercultural. Enquanto isso, Dizard, (2000, p. 24) entende que “a internet (ou a “Rede” como também é conhecida) é um sistema de redes de computadores interconectadas de proporções mundiais, atingindo mais de 150 países e reunindo cerca de 300 milhões de computadores”. Esta rede foi, inicialmente, pensada para fins militares, mas logo foi adaptada para uso doméstico.

Por meio destas novas tecnologias, se permite ao sujeito enunciar e se expressar, seja por meio da materialidade discursiva, seja pelo texto imagético. Em ambas, o funcionamento da(s) ideologia(s) se faz(em) presente em pleno funcionamento, em um jogo que envolve língua, discurso e ideologia.

Neste universo cibernético que se expande a cada segundo, os fatos viajam de uma extremidade a outra do planeta em velocidades assombrosas é que vislumbramos o nosso objeto de pesquisa, o *meme*. O termo foi usado inicialmente pelo etimólogo Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta*, em que definiu o termo como: “uma unidade de replicação e, assim como o gene que salta de corpo para corpo carregando uma informação, o meme circula de cérebro em cérebro por meio de um processo que, de maneira ampla, pode ser chamado de imitação” (DAWKINS *apud* HORTA, 2015, p. 13).

A autora explica ainda que o primeiro uso da palavra *meme* data do ano de 1998 quando Joshua Schachter criou um site chamado *Memepool*; este site continha links, imagens, vídeos, *hashtags* e outros materiais que haviam sido replicados ao extremo, ou simplesmente viralizado como se diz na linguagem da internet. Nos espaços virtuais o *meme* tem como objetivo provocar o riso por uma desestabilização de significantes que já possuam uma regularidade. Os memes são usados também para parodiar acontecimentos importantes ou algo que tenha uma certa repercussão, geralmente quando algo ocorre e se torna *meme*, tal evento é impulsionado e ganha notoriedade na internet, alavancado por *hashtags* ou pela replicação em massa daquele acontecimento, o que faz com que muitos sujeitos virtuais sejam atingidos por aquele *meme*.

Diante dessas constatações iniciais, o presente trabalho tem por objetivo discutir a respeito de algumas formas de preconceito, categorizando e discutindo variadas formas de materialidade discursiva, por meio dos *memes* e analisar postagens preconceituosas e seus efeitos de sentido nas redes sociais que tenham como suporte para tal, *memes* nas redes sociais. Concomitantemente aos *memes*, vem o preconceito e outras formas de se buscar o risível de maneira ofensiva. É nesse contexto que o viral pode ganhar outros contornos, que em algumas oportunidades, já chegou a níveis de animosidade tão extrema, que culminou com a morte de algumas pessoas.

Entendemos, em nossa pesquisa, que preconceito, conforme a acepção de Johnson (1997, p. 180), “é a teoria da desigualdade racial, entre outras formas, e discriminação é sua prática. Preconceito é uma ATITUDE cultural positiva ou negativa dirigida a membros de um grupo ou categoria social”, logo, podemos pensar que existem diversas formas com quem o preconceito se materializa e se cristaliza na sociedade.

Com o intuito de organizar melhor a pesquisa, traremos um breve resumo do tema o qual abordaremos, em seguida apresentaremos o aporte teórico que foi mobilizado para as análises do *corpus* de pesquisa, e logo após analisaremos algumas postagens (*memes*) por meio da análise do discurso de orientação francesa. Para tal proposta de percurso analítico, tomaremos por base da fundamentação teórica os textos de Orlandi e Pêcheux.

Pressupostos teóricos da AD

Desde nossos estudos iniciais no campo da Linguística, com Saussure (2012), os pesquisadores da área de linguagem concebem a língua como um sistema de signos, composto de pequenas unidades que formam um todo dotado de significado. Para Saussure, o significado é arbitrário, imotivado e convencional, pois um signo é o que o outro não é. Diante dessa afirmação, ao se convencionar o significado de um signo (‘mulher’, por exemplo), ele se torna o que é acordado naquela língua: “Por isso se diz que o valor do signo é relativo e negativo” (ORLANDI, 2009, p. 22), já que o seu valor é derivado do não-valor de outro. Diante disso, se perguntar o que o texto quer dizer é próprio de quem se ocupa somente com os aspectos linguísticos-textuais de um discurso.

A língua, em AD, é a materialidade específica do discurso, conforme Ferreira (2005, p. 17); ela é “aquela da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição, do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência”. Diante disso, para o analista de discurso e para este trabalho de análise da prática discursiva de sujeitos nas redes sociais, a língua é pressuposta para analisar a materialidade do discurso, e não o ponto de partida, mas sim o discurso. Com os estudos da teoria do discurso, para Ferreira (2000, p. 37), “[...] redefine-se a noção de língua, descentrando-a e remetendo-a a outra ordem: a ordem do discurso”.

Para Tarini (2017), a noção de ‘discurso’ é cara à AD e Pêcheux (2010, p. 81), fundador da AD na França, define-o como “‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”, ou seja, efeito de sentidos entre locutores, sendo o discurso um espaço de funcionamento

e a materialização da relação entre a língua e a ideologia. Para Orlandi (2005, p. 21), os discursos constituem sujeitos e são suportados por eles nas relações de linguagem, o que significa dizer que “são processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc”. Portanto, constituem a subjetivação e a argumentação tanto de quem escreve como de quem lê.

O conceito de sujeito, de acordo com os estudos de Tarini (2017, p. 97), torna-se essencial para a teoria da AD. E neste caso, “não se trata do sujeito linguístico-enunciativo (eu), aquele que fala, mas o sujeito ao/do discurso: o sujeito ideológico, que não é ‘proprietário’ de seu dizer, não é o indivíduo cartesiano”, aquele idealizado, racional, que pensa e, por isso, existe. Observamos que, ao falar em sujeito, Althusser não abre mão da teoria da interpelação ideológica, ponto central para a AD. Althusser (2001, p. 85) afirma que “A ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, o que é corroborado por Henry (2010, p. 31), ao afirmar que os sujeitos são suporte; eles não são fonte ou origem do dizer, visto que “todo sujeito humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito”. Segundo Bobbio (1986), existem duas possibilidades significativas para o termo ideologia. Na primeira acepção, a mais usada, ideologia é um conceito neutro. Significa um sistema de crenças políticas: um conjunto de ideias e valores acerca da ordem pública, com a função de orientar os comportamentos políticos coletivos. Na segunda acepção, surgida a partir das ideias de Marx, a ideologia como falsa consciência das relações de dominação de classe, é, portanto, um conceito negativo que denota determinação social. Sujeitos e língua funcionam ideologicamente.

Ser agente de uma prática social é se posicionar enquanto sujeito e argumentar a partir de uma posição que ocupa (mãe, esposa, etc.), a partir de determinada posição ideológica. Por isso, é também essencial ver que “as condições sociopolítico-ideológicas mapeiam, num dado momento histórico-social, as possibilidades de expressão e, portanto, de produção de sentido pelo sujeito” (CORACINI, 2007, p. 9). As posições-sujeito do/no discurso se constituem na/pela história, que é contraditória e na qual o sujeito tem como possibilidade a tomada de decisão, tem “escolhas”, mas dentro das possibilidades que lhe são postas pela classe social à qual pertence ou pensa pertencer, não havendo como escapar da ideologia.

Nessa estrutura, a mulher é um ser social, historicamente determinado, que funciona no entorno coletivo, bem como o homem. Ela é descentrada pela ideologia e pelo inconsciente; todavia “todo sujeito é colocado como autor de e responsável por seus

atos [...] é interpelado em ‘sujeito responsável’” (PÊCHEUX, 2009, p. 198). Diante dessa constatação, estudiosos da teoria discursiva buscam compreender o sujeito sob novas bases; não mais como sujeito voluntarioso que consegue escapar da interpelação ideológica por uma atitude consciente. Há que se pensar no sujeito “múltiplo, porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, porque representa vários papéis, etc.” (ORLANDI, 1988, p. 11).

Não há o sujeito dono de si e de seu destino, mas sim posições-sujeito estabelecidas discursivamente. Sob essa ótica, conforme cita Pêcheux (2009, p. 272), para Althusser, “os sujeitos ‘funcionam sozinhos’ porque são sujeitos, isto é, indivíduos interpelados em sujeito pela ideologia”. A contradição mostrada pela AD é que o sujeito produz discurso e é produzido por ele, isto é, o sujeito do discurso está sujeito ao discurso. Tanto na perspectiva cultural como político-ideológica da AD, o sujeito é descentrado. Para Ferreira (2010, p. 6), “A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso”.

É preciso discutir neste trajeto teórico em relação ao sentido uma questão que é fundamental para as análises que propomos, falamos da noção de silêncio, abordada por Orlandi (2012, p. 127), quando a autora afirma que “é preciso introduzir a noção de silêncio para compreender bem como se constituem, como são formulados e como circulam os sentidos”. Ao propor essa reflexão, Orlandi (2007, p. 31) conclui que “o homem está condenado a significar, com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à interpretação: tudo tem de fazer sentido”. Quer seja pela materialidade discursiva ou pelo texto imagético, os sentidos sempre escapam, a falta de palavras não indica a inexistência de sentidos.

Outra categoria relevante para este artigo é a de Formação discursiva (FD). Conforme Tarini (2017, p. 107), “sem observar as FDs, não há como entender por que foi esse o dito e não outro e que efeito de sentido esse dito produz, quando proferido pelo sujeito”. A concepção era de que as FDs, conforme Haroche, Pêcheux e Henry (2011[1971], p. 27, grifos dos autores), “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada”, e neste ponto, o mais importante não está na natureza das palavras empregadas ou num significado fixo, mas nas construções e nas combinações estruturais que vão se formando pelos usos

lexicais e/ou sintáticos quando são proferidas.

Em um segundo momento, Pêcheux (2009 [1975], p. 147, grifos do autor) reafirma o conceito, repetindo que chama FD “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”, mas acrescenta a determinação da luta de classes não afirmada anteriormente. E, neste percurso de constituição do que entendemos atualmente por FD, percebemos que a acepção está relacionada à constituição identitária de sujeitos, passível de ser vista em produções discursivas que envolvem sujeito, história e memória, e a partir de uma visão marxista de sociedade, dividida em classes sociais.

Efeito de análise

Buscando analisar o corpus selecionado, levando em consideração as condições de produção, sua relação histórica e materialidade linguística, e como estes objetos produzem efeitos de sentido, analisaremos o *corpus* por meio de sequências discursivas (doravante SD). Michel Pêcheux introduz em seu livro *Discurso: estrutura ou acontecimento*, o conceito de SD, o autor explica que a análise deve ser feita por esse viés:

todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

Como o discurso é o local do possível em que os sentidos podem sempre ser outros, utilizando-se da opacidade da língua, a produção de sentidos se desloca em uma cadeia de significantes. Ao analisar os *memes*, aqui propostos, teremos uma dimensão de como este espaço, o virtual, se tornou um campo fértil para a falha, é o local onde os rituais se rompem e se ligam a outras cadeias significantes. Estes *memes* nos mostram o “local” da mulher na sociedade e a resistência enunciativa frente ao apagamento/silenciamento de suas falas.

Remontando as condições de produção do discurso, nos modos pecheutianos, apresentamos dois *memes* criados para a mesma situação, a entrevista em que a presidenciável Manuela D’Ávila concedeu ao programa Roda Viva. Neste referido programa, foram feitos inúmeros questionamentos acerca de vários tópicos como: saúde, educação, segurança pública e etc. Na ocasião, houve uma série de críticas ao programa

por conta das seguidas interrupções na fala da entrevistada. Por muitas vezes, ela precisou utilizar um tom de voz mais elevado para se fazer ouvir, além de pedir que pudesse completar a fala que havia iniciado.

Ao se analisar os dois *memes*, separamos algumas SDs para as análises. Primeiro, à esquerda, temos a SD1: *Interrupções no Roda Viva. Ciro Gomes:8; Guilherme Boulos: 12; Manuela D'Ávila: 62. Isso também é machismo!* Meme que compara as interrupções nas entrevistas sofridas pelos candidatos à presidência da República.

Na segunda figura, à direita, temos a seguinte enunciado: SD2: *Censura. Manuela Dávila interrompeu 47 vezes os*



Fonte: Facebook

Ao iniciarmos as análises algumas questões ficam bem evidentes, primeiro, as FDs não são as mesmas. Os sujeitos enunciadorez fazem isso de lugares diferentes. Na SD1, o enunciador enumera as vezes que a candidata foi interrompida pelos entrevistados, e compara com os outros que também já tinham concedido entrevistas para o mesmo programa. Por serem homens, o número de interrupções foi bem menor, o que faz com que o sujeito produza um efeito de evidência, enunciando que tal atitude se configurou como machismo.

Figura 1
seus direitos cerceados pelo regime patriarcal

Historicamente as mulheres tiveram
Figura 2

que até hoje conduz a maioria das famílias ditas tradicionais, para as mulheres restava os afazeres domésticos, que eram considerados trabalhos menores, de menor valor, o que fazia com que as mulheres estivessem sujeitadas aos seus maridos ou companheiros

(BOURDIEU, 2017). O autor ainda explica que:

Depois de longas lutas das mulheres para fazer reconhecer suas qualificações, as tarefas que as mudanças tecnológicas radicalmente redistribuíram entre os homens e as mulheres serão arbitrariamente recompostas, de modo a empobrecer o trabalho feminino, mantendo decisoriamente, o valor superior do trabalho masculino (BOURDIEU, 2017, p. 89).

Isso mostra como discursivamente, esses dizeres são historicamente esquecidos e, por meio da memória discursiva, são enunciados como se fossem algo “novo” e “único” e quem o enuncia, o faz acreditando que é fonte daquele dizer, a isso se nomeia esquecimento nº 1, que é da ordem do ideológico (Pêcheux, 2009 [1975]). Como se sabe, a língua é o lugar da falha e o discurso é agente da ideologia, assim a machista aqui em questão é a Manuela, ao retomarmos, a análise pela SD2, em que a palavra censura aparece destacada em vermelho, com letras maiores e depois trazendo o dizer: “Manuela Dávila **interrompeu** 47 vezes os jornalistas”. Existe aqui, uma clara tentativa de apagamento desta luta histórica encampada pelas mulheres em busca de direitos iguais em todas as esferas, sejam públicas ou privadas. Essa construção discursiva mostra, inclusive, uma tentativa de distorção de quem é que está agindo como machista, o discurso posiciona a entrevistada que foi interrompida várias vezes como a agente das interrupções e não como quem as sofreu e imediatamente reagiu às interrupções. Como explica Orlandi (2012):

em todo discurso há um confronto do simbólico com o político: todo dizer tem uma direção significativa determinada pela articulação material dos signos com as relações de poder. Essas relações se definem por sua inscrição em diferentes formações discursivas que representam diferentes relações com a ideologia, configurando o funcionamento da língua regida pelo imaginário (ORLANDI, 2012, p. 129).

O confronto é representado pelas posições contrárias nos dois *memes*, um propondo uma valorização da fala da mulher (SD1) e o outro (SD2) defendendo a manutenção do discurso fundador do machismo. A página de que foi retirado o segundo *meme* é conhecida por produzir *memes* em grande escala, em sua maioria defendendo questões socialmente vistas como conservadoras. Os autores buscam por meio destes *memes* uma regularização destes dizeres. Sobre isso, podemos pensar na forma como este tipo de discurso circula na internet, mais precisamente nas redes sociais em que jovens são expostos a esse tipo de “verdade” como sendo a única possível.

Vale destacar, de acordo com Bourdieu (1998, p. 53), que o discurso é valorado por suas relações com um mercado, o que faz com que o sentido dependa da relação de forças entre as competências linguísticas dos interlocutores pertencentes a ele. Nesta perspectiva, "os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados

a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos" (grifos do autor). Talvez o hábito de, nos textos, ver a língua apenas como comunicação, abafe o valor social da prática linguística; no caso deste artigo, da prática linguística de usuários das redes sociais.

Bourdieu (1998) assevera também que o valor social do discurso se apresenta como uma forma de cumplicidade presente em cada discurso, o que supõe uma "escolha" na sociedade de classes, a qual está presente no que ele denomina *habitus*. O jeito de olhar, a censura, as interdições, as práticas de desaprovação dos ditos e escritos, gestos que imprimem uma obrigatoriedade de uso da língua, concretiza-se em aceitação, não necessariamente coercitiva, por parte do usuário das práticas discursivas, isto é, todo discurso é regulado pelo sujeito do/ao discurso.

Ao se defrontar com discursos diferentes no mesmo espaço discursivo, no caso a internet, o sujeito é interpelado e “não pode não significar e não há sentido sem interpretação” (ORLANDI, 2012, p. 130), desta forma, interpretar passa a ser um gesto incontornável, pois “o homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja)” (ORLANDI, 2007, p. 29-30). Desta forma, percebe-se uma tentativa de silenciamento de sentidos da FD a qual a SD2 está filiada em relação à SD1.

Orlandi (2007) categoriza o silêncio de duas formas: 1) o Silêncio Fundador que é aquele necessário aos sentidos, aquele necessário para que o sentido tenha sentido; 2) a Política do Silêncio que a autora subdivide em duas outras subcategorias, o ‘silêncio constitutivo’ e o ‘silêncio local’ ou ‘censura’. No primeiro, a autora explica que quando se enuncia, sentidos são apagados por aquele dizer e aquelas palavras proferidas provocam um silêncio sobre os outros sentidos, ou seja, para enunciar é preciso que o outro não enuncie. Com relação ao silêncio local ou censura, a autora explica que este silêncio está ligado aos enunciados que podem ser ditos, mas são interditados, ou seja, em certas condições aqueles dizeres são proibidos de serem veiculados. Neste caso, o silenciamento está tanto na censura imposta à candidata que sofre interdições o tempo todo durante a entrevista (SD1), bem como no fato de que ela interrompe, conforme o destaque dado pelo *meme* (SD2), é como se ela, mulher entrevistada, não pudesse interromper, não tem esse direito.

O que o *meme* faz, no segundo caso é tentar causar um “efeito de verdade”, pela repetição de uma informação que é replicada muitas e muitas vezes pelos sujeitos que

aderem àquela FD machista. Tal repetição “mantém” vivo o discurso fundador em voga, conferindo-lhe, enquanto o mesmo circula na grande rede, um efeito de veracidade, e esta veracidade ganha força com a produção de mais conteúdo sobre o assunto. Ao “viralizar”, o discurso ganha um status de acontecimento, emerge com o “efeito de novidade”, disfarçado pela nova roupagem. Orlandi (2012) destaca que:

Face à constituição de um acontecimento, face ao incontornável da interpretação, gesto que constitui o sujeito no entremeio entre a língua e o mundo a significar, *não há discurso que produza um texto único, uma formulação só*” (ORLANDI, 2012, p. 135, grifos meus).

Pelo exposto, entendemos que ao desestabilizar certos sentidos, como o lugar da voz da mulher, por meio do discurso fundador machista, o sujeito busca induzir sentidos diferentes dos que defendem os direitos adquiridos pelas mulheres, “ganhando” público, o que faz com que aqueles dizeres se cristalizem como sendo os “únicos sentidos” a serem inferidos e aceitos socialmente. Neste aspecto, observamos, conforme Pêcheux (2009, p. 164-165, grifos do autor) que “*Os significantes aparecem [...] como aquilo que foi ‘sempre-já’ desprendido de um sentido: não há naturalidade de um significante*” no domínio do inconsciente, no entanto, isso não é uma contradição, “em absoluto, com a supremacia do significante com o significado, desde que se compreenda que essa supremacia se exerce no quadro de uma formação discursiva determinada por seu exterior específico”, determinada pelas condições de produção.

O *meme*, nesta perspectiva, assemelha-se ao boato, que precisa circular socialmente e ser replicado para ser considerado verdade. Segundo Orlandi (2012), “o boato ‘explora’ por assim dizer esse território, sustentado pelo fato de que os sujeitos têm necessidade de ‘saber’ o sentido”. Tal exposto é algo que mexe com a cadeia de sentidos, algo que vai no entremeio dos sentidos mexendo na relação dito/não dito.

Em um segundo momento desta análise, trazemos os discursos de dois *memes* que circularam nas redes sociais, desta vez o tema é a imigração dos venezuelanos e algumas questões envolvendo a situação dos refugiados neste momento histórico. Sabemos que o país vizinho passa por dificuldades e instabilidade política e econômica, fato que culminou com uma imigração em grandes proporções para o Brasil e outros países vizinhos. As condições de vulnerabilidade, encontradas no Brasil, tornaram-se notícia no mundo. Os imigrantes começaram a pedir asilo em nosso país; aqui se instalando em praças, abrigos improvisados e vivendo de forma precária. Doenças, fome e desemprego são os principais problemas enfrentados por estas pessoas que se arriscam em um êxodo que não tem garantia nenhuma de ser bem-sucedido.

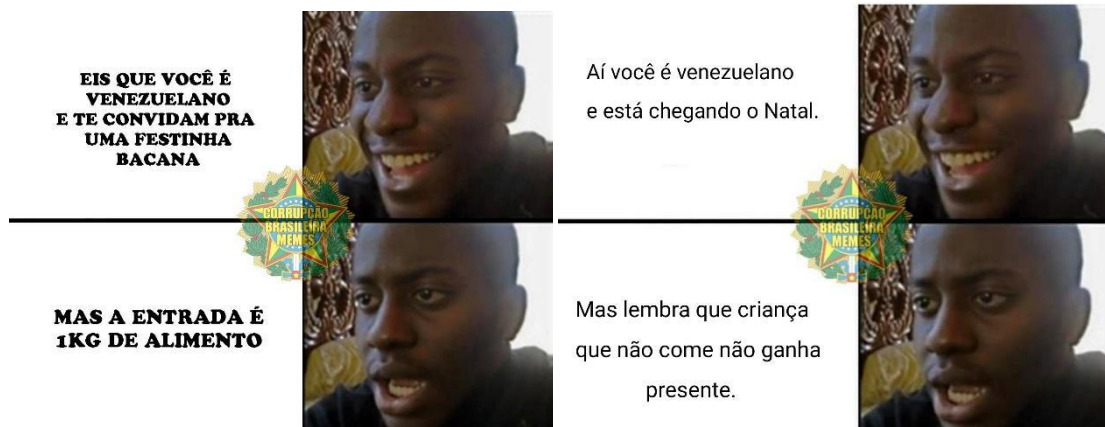


Figura 3

Figura 4

Fonte: *Facebook*

Em nossos tempos, temos uma grande quantidade dessas redes sociais operando concomitantemente, ao passo que outras deixaram de existir, como o *Orkut* e o *Flogão*, por exemplo. No Brasil, o *Facebook*, é o mais popular, segundo Recuero (2014), citando Protalinski (2013), essa rede “congregava, em maio de 2013, mais de 1,1 bilhões de usuários ativos (Protalinski, 2013) dos quais mais de 70 milhões deles estão no Brasil hoje.

Podemos então definir o *Facebook* como,

um website, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 168).

O *Facebook*, assim como as outras redes sociais, se constitui como um espaço virtual de debate e socialização de ideias em que os sujeitos resinificam práticas do seu cotidiano.

Nestas figuras apresentamos os *memes* dos quais extrairemos as duas sequências discursivas para análise. Na figura 3, analisamos a SD, aqui denominada SD3, a qual traz: “*Eis que você é venezuelano e te convidam para uma festinha bacana [...] mas a entrada é 1kg de alimento*”. Esta SD resgata algumas memórias discursivas que nos remontam a alguns eventos históricos, não somente dos dias atuais da Venezuela, mas do completo abandono das colônias tanto portuguesa como espanholas depois do “descobrimento” das Américas. Algo que também faz parte dessa rede discursiva é o abandono total da população negra que foi feita escrava por muitos anos tanto no Brasil como nas Américas do Sul, Central e do Norte.

O *meme* faz emergir outra memória, a dos eventos solidários em que a entrada é

condicionada a doação de alimentos para beneficiar populações carentes. O *meme* busca por um humor socialmente não admitido, que Pêcheux chamou de chiste em seu livro *Semântica e Discurso*, fazendo referência aos estudos de Freud sobre esse assunto em que Freud tratava o chiste como uma piada, anedota, algo que produzisse o risível. Neste livro, Pêcheux trata o chiste como uma das falhas do ritual da língua, que é suscetível a falhas e estas resistem às amarras impostas pela ideologia e escapam via inconsciente (PÊCHEUX, 2009 [1975]).

Ao enunciar que o venezuelano é convidado a uma festinha, mas não pode comparecer porque a entrada está condicionada a doação de 1kg de alimento se percebe que há um escárnio trajado de humor. Observamos que o chiste ocorre pela “brincadeira” a respeito da condição econômica dessa população que atualmente não tem alimentos para a própria subsistência. Entretanto, a situação em que os venezuelanos vivem não é algo para se comemorar, a questão do não comparecimento pela falta do alimento que seria doado, causa um efeito de humor imoral que desestabiliza a ordem dos sentidos. Busca-se com os enunciados ridicularizar uma condição de abandono, o efeito de sentido aqui é de discriminação tanto racial como xenofóbica, já que os venezuelanos são tidos como nação inferior por supostamente estarem de acordo com o sistema político vigente naquele país que é de esquerda e constantemente atacado por movimentos conservadores.

Nesse *post* a questão não é simplesmente política, existe uma abertura para o simbólico e esta é explorada por meio do “humor”. Além disso, é racista também, devido a escolha de uma figura de um negro representando um venezuelano, grupo étnico que não compõe a maioria da população daquele país. Segundo Orlandi (2012, p. 77):

o lugar da falha, digo, é o lugar do possível: do impensado, lugar em que “o irrealizado venha formando sentido do interior do não-sentido, movimento possível em que “uma série heterogênea de efeitos individuais entre em ressonância e produz um acontecimento histórico rompendo o círculo da repetição.

O sentido de acolhimento se confronta com o de afastamento, de ódio contido no discurso que o enunciado produz. O ódio contra os estrangeiros se materializa na língua via discurso que ideologicamente transmite este sentimento de superioridade e de escárnio com a situação dos vizinhos que passam por dificuldade, bem como com relação aos negros.

Logo em seguida, a SD4 traz os enunciados: “*aí você é venezuelano e está chegando o natal [...] mas lembra que criança que não come não ganha presente*”. Estes enunciados acionam uma memória cristã do natal, festa em que as pessoas se socializam,

trocam presentes e a fartura de alimentos nas casas das pessoas é abundante. Outra memória que surge a partir deste enunciado é a de crianças que não comem porque alegam estar sem fome, e com um ato de sensibilização por meios lúdicos, seus pais lhes dizem que caso não se alimentem não receberão presentes do Papai Noel no fim do ano.

Vale ressaltar com as palavras de Orlandi (2012, p. 60), que “todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo, portanto suscetível de tornar-se outro”. Partindo disso, percebe-se que o sujeito, ao enunciar, abre para outras interpretações, e um enunciado que circula socialmente com o intuito de forçar as crianças a comer, aqui, tratado pelo *meme* nesses termos, busca por meio da relação com o simbólico, produzir outros efeitos. O efeito de humor se dá pela ridicularização da condição de fome passada pelos venezuelanos. A fome, não é intencional e nem a não possibilidade de se alimentar.

Mais uma vez os efeitos de sentido estão ligados à condição diminuta em que os venezuelanos estão vivendo, sendo tratados como um povo menos importante, pessoas que não conseguem se alimentar dignamente quanto mais estabelecer uma relação de festividade com uma data comemorativa devido à falta de estrutura mínima para se manter.

No enunciado “**mas** lembra que criança que **não come não ganha presente**”, o **mas** exerce uma relação de restrição à participação daquelas crianças em situação de vulnerabilidade, a dupla negativa aqui representada pelo **não...não** produz um efeito de exclusão, atrelada à nacionalidade, já que na primeira parte da SD4 “*aí você é venezuelano e está chegando o natal*”, fica evidente que o fato de ser venezuelano exclui o sujeito de qualquer possibilidade de uma ceia natalina, o que é reforçado pelo efeito de humor sugerido pelo segundo enunciado da SD4.

Com o intuito de influenciar negativamente os sujeitos em relação aos imigrantes, aproveitando-se da falha que é elemento constitutivo da língua e propiciada pelo discurso, quem produz os *memes*, busca por meio da viralização, com um efeito boato, fazer o boato circular, isso garante que o novo efeito não se extinga. Segundo Orlandi (2012, p. 138):

O boato, espaço de múltiplas versões domínio das variantes, migrações que derivam de uma região de sentidos passível de silenciamento, estabelece espaços “confusos” de fala (voz) onde os sujeitos se batem – quem conta um conto aumenta um ponto – por um sítio de significação particular (a verdadeira) versão). Esta situação discursiva acentua a encenação da argumentação.

Ao circular livremente pela grande rede, os *memes* como estes provocam uma “confusão”, como diz a autora. Esta por sua vez, propõe um debate que busca

desestabilizar os sentidos já estabelecidos que são enfraquecidos pela quebra do seu efeito de verdade.

Para Orlandi (2012), ao passar um *meme* adiante o sujeito satisfaz duas questões no tocante à produção de novos sentidos:

- 1) Sobre o fato da argumentação: o sabor de dizer e produzir o efeito de verdadeiro acentua, como percurso da palavra, a habilidade em mantê-la funcionando;
- 2) O impulso de “passar à frente”. O sujeito não consegue impedir-se de divulgá-lo expandindo o espectro de sua atuação. Ora, esse efeito que sustenta o boato pois se não circula, se extingue.

Desta forma, percebe-se que o *meme* cumpre um ritual semelhante ao dos boatos, ou das *fake news*, que buscam pela replicação sem controle e pela suscitação de um debate acerca de sentidos já cristalizados, desestabilizar a ordem de determinados sentidos que já circulam socialmente.

Efeito de conclusão

Os *memes* não tem necessariamente um cunho preconceituoso, no entanto, às vezes, são usados para a propagação de preconceitos. O *corpus* coletado é de uma página no *facebook*, que foi derrubada por conter postagens racistas, xenofóbicas e por promover inverdades acerca de políticos e personalidades.

O presente estudo teve por objetivos discutir acerca das mais diversas formas de preconceito, categorizando e argumentando em suas mais diversas formas de materialidade discursiva e analisar *memes* preconceituosos e seus efeitos de sentido em postagens em redes sociais. Observamos que os *memes* possuem a capacidade de desestabilizar sentidos construídos historicamente, propondo novas possibilidades, e levando sujeitos a se filiarem às novas formações discursivas.

A discussão sobre temas que envolvem a subtração de direitos das minorias como foi analisado nos quatro *memes*, coloca em evidência a importância de se debater acerca da veiculação de postagens de abordagem preconceituosa e seus reflexos nos nossos dias. A AD não pretende levantar bandeiras, quer sejam políticas partidárias quer sejam de causas sociais, apenas se propõe a expor que efeitos de sentido circulam socialmente por meio dos discursos, em nosso caso, os discursos preconceituosos.

Portanto, sabe-se que esta discussão não se esgota neste trabalho, limitado pela quantidade de laudas, pois com esta pesquisa percebemos que há várias formas de

discurso xenofóbico e de discurso machista sendo produzido e postado numa velocidade nunca antes pensada, circulando por diversas redes sociais.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: 2. ed., Edições Graal, 2001.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Tradução de João Ferreira e outros. Brasília: Ed. UnB, 1986.

BOURDIEU. **Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Trad. Sérgio Miceli et al. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2007.

DIZARD Jr., Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, M.C.L., O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

HAROCHE, C; PÊCHEUX, M; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R.L. **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos, SP: 2º ed, Pedro e João editores, 2011, 292p.

HENRY, P. Fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de M. Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**; Trad. Bethania Mariani et. al, Campinas, SP: 4. ed. Editora da UNICAMP, 2010.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. Dissertação de mestrado, UNB, Brasília, Portugal. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf. Acesso em: 10 de fev. de 2019.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**. Zahar, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes. 2005.

_____. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos,

2009.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** Pontes, 2012.

_____. **As formas do silêncio.** Unicamp, Campinas, Brasil, 2007.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. E. P. Orlandi. 4. ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2009 [1975].

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux;** Trad. Bethania Mariani et. al, Campinas, SP: 4. ed. Editora da UNICAMP, 2010 [1983].

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Bras. 5ª. ed. São Paulo: Pontes, 2008.

PIERRE LEVY. **Cibercultura.** Editora 34, 2010.

PROTALINSKI, E. 2013. Facebook passes 1.19 billion monthly active users, 874 million mobile users, and 728 million daily users. Coluna The Next Web, 30/10/2013. Disponível em: [http:// thenextweb.com/facebook/2013/10/30/facebook-passes-1-19-billion-monthly-active-users874-million-mobile-users-728-million-dailyusers/#!pwHzc](http://thenextweb.com/facebook/2013/10/30/facebook-passes-1-19-billion-monthly-active-users874-million-mobile-users-728-million-dailyusers/#!pwHzc). Acesso em: 10/10/2019.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

SAUSSURE, F. [1970]. **Curso de linguística Geral.** 27. ed. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

TARINI, A.M.F.L. **Os efeitos de sentido da prática discursiva jurídica sobre a violência sexual contra as mulheres.** 2017. (200 f.). Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.